

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Gustavo Souza dos Santos

Mano Brown

Identidade da moda brasileira no *streetwear*

Gustavo Souza dos Santos Pedra Monteiro

Rio de Janeiro

2024

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Gustavo Souza dos Santos Pedra Monteiro

Mano Brown

Identidade da moda brasileira no *streetwear*

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Profª Rosanna Naccarato

Rio de Janeiro

2024

Ficha catalográfica

Dos Santos, Gustavo

Mano Brown e a evolução do *streetwear* no Brasil

Gustavo Souza dos Santos – Rio de Janeiro, 2024.

xx p.

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

1.Design de moda 2.Mano Brown 3.*streetwear*. I.Título

Gustavo Souza dos Santos Pedra Monteiro

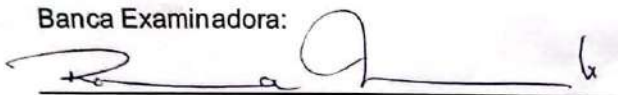
Mano Brown

Identidade da moda brasileira no *streetwear*

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design de Moda, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design de Moda.

Data de Aprovação: 02/12/2024.

Banca Examinadora:



Rosanna Naccarato

Especialista em educação estética - Universidade Federal do Estado do Rio - UNIRIO

Docente, SENAI CETIQT



Gabriel Gimmler Netto

PPG Design - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

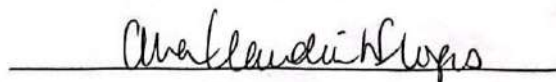
Docente, SENAI CETIQT



Rosa Lúcia de Almeida da Silva

Especialista em Computação Gráfica e Multimídia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Docente, SENAI CETIQT



Ana Claudia Lourenço Ferreira Lopes

Coordenadora de Graduação e Ensino Técnico

Agradecimento

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Christiano e dona Ana, pelo amor incondicional e pelo apoio incansável em todas as minhas escolhas. Vocês sempre acreditaram no meu potencial, mesmo nos momentos em que eu duvidei de mim mesmo. Foram o exemplo de força, paciência e dedicação que me inspirou a persistir. Se hoje chego até aqui, é porque vocês nunca deixaram de caminhar ao meu lado, oferecendo palavras de incentivo, conselhos sábios e o conforto necessário para superar os desafios. Este trabalho é, também, fruto do esforço e das sementes que vocês plantaram em mim. Obrigado por tudo.

Agradeço também à minha namorada, Yorrana, por estar ao meu lado em todos os momentos. Sua parceria, paciência e carinho foram fundamentais nesta caminhada. Obrigado por ser meu apoio, minha motivação e minha melhor companhia em cada etapa dessa jornada. Este trabalho também carrega um pedaço do amor e da força que você me transmitiu.

As minhas colegas de faculdade, Marcela, Duda Seixas, Giovanna, Andressa, Julia Pacheco, Julia Bohm e Julia Constantino, meu mais sincero obrigado por toda a paciência e ajuda durante as aulas. Cada colaboração, troca de conhecimento e apoio fez a diferença na minha trajetória acadêmica. Sou grato por ter compartilhado essa jornada com vocês.

À minha orientadora, Rosanna Naccarato, minha eterna gratidão por me guiar com sabedoria, paciência e dedicação nessa loucura que é o TCC. Obrigado por acreditar no meu trabalho e por cada conselho que fez toda a diferença nesta caminhada.

Agradeço ainda a todos os professores que tive durante minha trajetória nesta faculdade. Cada um de vocês contribuiu de forma única para o meu aprendizado e crescimento, deixando marcas importantes em minha formação pessoal e profissional. Obrigado por compartilharem seus conhecimentos e por me inspirarem ao longo do caminho.

Epígrafe

“Eu cresci no ambiente onde a luta era
essa, o corre era estar com a roupa boa.
Era esse o significado de estar bem de
vida: estar com a roupa boa naquele
momento.”

(Mano Brown)

Resumo

Este trabalho analisa a influência de Mano Brown, rapper e líder dos Racionais MC 's, na popularização e evolução do *streetwear* no Brasil. Brown não só se destacou como uma voz poderosa das periferias brasileiras, abordando questões sociais e raciais em suas letras, mas também marcou a moda urbana com seu estilo pessoal. Nos anos 1990, ele e os Racionais adotaram o visual característico do *streetwear* – roupas largas, bonés e jaquetas –, inspirando jovens à procura de identidade e expressão. Ao explorar a trajetória de Mano Brown, o estudo investiga como sua estética impulsionou o *streetwear* e sua transição de subcultura para o mainstream, mostrando-o como um fenômeno cultural enraizado em resistência e identidade. O objetivo é um projeto na forma de editorial inspirado na estética do rapper, onde forneço um trabalho de *styling*.

Palavras-chave: design de moda; mano brown; *streetwear*; moda urbana; representatividade; expressão; identidade; resistência; cultura; *styling*.

Abstract

This project analyzes the influence of Mano Brown, rapper and leader of Racionais MC's, on the popularization and evolution of streetwear in Brazil. Brown not only stood out as a powerful voice of Brazil's peripheral communities, addressing social and racial issues in his lyrics, but also left his mark on urban fashion with his personal style. In the 1990s, he and Racionais adopted the characteristic streetwear look – loose clothes, caps, and jackets – inspiring young people in search of identity and expression. By exploring Mano Brown's trajectory, the study investigates how his aesthetic helped propel streetwear and its transition from subculture to mainstream, presenting it as a cultural phenomenon rooted in resistance and identity. The goal is to create a project in the form of an editorial inspired by the rapper's aesthetic, where I provide styling work.

Keywords: *mano brown; streetwear; urban fashion; representation; expression; identity; resistance; culture; styling.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	<i>STREETWEAR</i> (CONCEITO)	12
2.1	SURGIMENTO	13
2.2	ELEMENTOS DO ESTILO	18
2.3	EFEITO MICHAEL JORDAN	19
2.4	MARCAS INFLUENTES	23
2.5	<i>STREETWEAR</i> BRASILEIRO	28
3	DIFERENÇAS SOCIOECONÔMICAS E A MODA <i>STREETWEAR</i>	31
3.1	PERSPECTIVAS FUTURAS	32
4	MANO BROWN – VIDA E OBRA	32
4.1	EMPATIA: COMPREENDENDO A REALIDADE PERIFÉRICA	32
4.2	DEFINIÇÃO: ARTICULANDO OS PROBLEMAS CENTRAIS	33
4.3	IDEAÇÃO: CRIATIVIDADE E EXPLORAÇÃO DE SOLUÇÕES	34
4.4	PROTOTIPAGEM: CRIAÇÃO DOS ÁLBUNS COMO EXPRESSÃO DA REALIDADE	34
4.5	TESTE: RECEPÇÃO E AJUSTE DA MENSAGEM	35
4.6	IMPLEMENTAÇÃO: EXPANSÃO DA INFLUÊNCIA PARA ALÉM DA MÚSICA	35
4.7	APRENDIZADO: EVOLUÇÃO CONTÍNUA E REFLEXÃO	36
4.8	ELEMENTOS DE ESTILO AO LONGO DA CARREIRA	37
5	EDITORIAL	44
5.1	EDITORIAL AUTORAL	46
5.2	LOCAÇÃO	48

5.3	FOTOGRAFIA E ESTÉTICA	48
5.4	MODELOS	50
5.5	Resultado Final	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

A moda é uma poderosa forma de comunicação que transcende a mera aparência, refletindo e influenciando dinâmicas sociais, culturais e políticas. No contexto da moda contemporânea, o *streetwear* emerge como um fenômeno significativo, atuando não apenas como uma tendência estética, mas como uma expressão de identidade e resistência. Malcolm Barnard (2003) destaca que essa modalidade de vestuário vai além do significado literal das palavras, carregando consigo mensagens complexas e profundas que ressoam com diversas comunidades ao redor do mundo.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso propõe uma análise aprofundada da relação entre o *streetwear* e a persona do rapper e ativista Mano Brown. Brown, ícone da cultura *hip-hop* brasileira, transcendeu sua influência musical para se tornar uma figura central na moda urbana do país. Este estudo busca compreender como seu estilo de vestir se desenvolveu ao longo do tempo e como ele se conecta à identidade do homem negro periférico no Brasil.

A trajetória de Mano Brown será explorada a partir de uma perspectiva histórica do *streetwear*, desde os anos 1990 até os dias atuais. O *streetwear*, inicialmente marginalizado, conquistou espaço e reconhecimento, sendo hoje apreciado por algumas das maiores marcas de alta costura. Mano Brown, com seu estilo inconfundível, representa a convergência entre moda e ativismo, utilizando seu vestuário como uma forma de afirmação e empoderamento.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na metodologia descrita por Ambrose e Harris no contexto do *Design Thinking* - identificando algumas etapas em design, visando uma compreensão do fenômeno do *streetwear* e seu impacto cultural. Essa abordagem permite examinar a moda como uma prática discursiva e, mais especificamente, como um meio de expressão de identidade e resistência. A metodologia inclui uma análise iconográfica das escolhas estéticas de Mano Brown, entrevistas em profundidade com indivíduos envolvidos na cena urbana brasileira e uma revisão bibliográfica sobre a história do *streetwear* e do movimento hip-hop no Brasil e no mundo. O estudo busca, ainda, identificar e

interpretar as narrativas implícitas e explícitas associadas às suas escolhas de estilo e moda.

Este trabalho é voltado para pesquisadores e estudantes de áreas como moda, comunicação, ciências sociais e antropologia, bem como para todos os interessados no impacto cultural do *streetwear* e do hip-hop como movimentos de resistência e afirmação identitária. O estudo também se destina a profissionais e entusiastas da moda urbana e do *streetwear*, especialmente aqueles interessados em compreender a influência de ícones culturais como Mano Brown na construção de estilos que representam a identidade e a realidade do homem negro periférico no Brasil. Visa, também, não apenas analisar as tendências estéticas associadas a Mano Brown, mas também compreender as narrativas de resistência e representatividade que permeiam essa interseção entre moda e ativismo. As roupas utilizadas por Mano Brown são mais do que simples peças de vestuário; são manifestações de sua identidade cultural, experiências de vida e convicções políticas.

Ao longo do trabalho, serão estabelecidos paralelos entre a evolução do *streetwear*, a cultura do rap brasileiro e a figura emblemática de Mano Brown. O objetivo é me lançar como *styling* além de fornecer uma visão crítica sobre como o *streetwear* se tornou uma ferramenta de expressão para comunidades marginalizadas, e como Mano Brown utiliza seu estilo pessoal para celebrar e afirmar a identidade da comunidade negra periférica.

Proponho, por meio deste trabalho, refletir sobre as complexidades da cultura urbana brasileira e celebrar o legado de Mano Brown como um ícone de autenticidade, representatividade e engajamento político. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão do impacto cultural e social do *streetwear* e do papel transformador de figuras como Mano Brown na construção e afirmação das identidades urbanas no Brasil.

2 STREETWEAR (CONCEITO)

A moda *streetwear* é parte da essência das grandes cidades ao redor do mundo — mesmo que quem a vista sequer use esse termo. “Estourou” com Shawn Stussy, considerado um dos precursores do movimento. Ele era produtor de pranchas de surf na Califórnia. Nos anos 80, criou camisetas largas e mais confortáveis para facilitar a prática esportiva. Com o passar do tempo, o público aderiu ao estilo conhecido como oversized.

O movimento, que ganhou forças no fim da década de 1970 e início da década de 1980 nos Estados Unidos, surgiu como uma resposta ao visual mais convencional e formal das grandes grifes, que, em sua maioria, não representava a cultura e o estilo de vida das ruas. Na época, novas marcas e designers independentes começaram a criar roupas que refletem a estética e a atitude de comunidades marginalizadas, como o hip-hop, o skate e o grafite.

Além do esporte, o estilo *streetwear* foi influenciado, especialmente, pelo hip hop, que dominava as ruas. Nos anos 90, o ritmo popularizou ainda mais as características da tendência. A partir daí o estilo foi abraçado por personalidades da música e do esporte e se tornou um fenômeno cultural imparável, que não poderia mais ser desconsiderado pelas casas tradicionais de moda. Nomes como Shawn Stussy, fundador da marca Stussy, Supreme e A Bathing Ape (BAPE) estão entre as etiquetas fundamentais do início do movimento.

Ao longo dos anos, o *streetwear* evoluiu, incorporando elementos de outras subculturas e tornando-se um fenômeno global, incorporando novas tendências a cada temporada — a essência é a mesma: máximo conforto, conexão com o sportswear e modelagens amplas, sem grandes marcações de gênero. Após os anos 90, ele foi levado para as marcas de luxo, conhecidas como high fashion.

2.1 SURGIMENTO

Alguns manuais de estilo afirmam que o *streetwear* surgiu na Califórnia, entre o surfe e o skate. No entanto, tal visão pode ser questionada a partir da análise do trabalho do fotógrafo Jamel Shabazz, que circulou pelo Lower East Side e pelo Bronx, em Nova York, entre 1980 e 2000, registrando o que hoje é conhecido como *streetwear*. Seus modelos eram pessoas de todas as idades, principalmente jovens

negros, e suas fotografias documentam o estilo urbano das ruas da cidade de Nova York, que antecedeu o conceito moderno de *streetwear* (Shabazz, 2001).

Embora alguns elementos dessa estética possam estar presentes na Califórnia, em movimentos como o surfe e o skate, a construção do *streetwear* também é visível em outros contextos. Essa influência se manifesta desde a invenção da minissaia e a popularização do jeans entre jovens hippies e estudantes ao redor do mundo, até movimentos juvenis e musicais como o glam e os mods britânicos, além dos rude boys jamaicanos (figura 1) (Evans, 2003).

Figura 1: Rude Boy's fotografado por Jamel Shabazz



Fonte: acervo do Smithsonian National Museum of African American History and Culture, cortesia de Jamel Shabazz, 2024

Desse modo, o *streetwear* deve ser visto como um produto de variadas influências culturais e geográficas. Segundo Shabazz (2001), a partir dos anos 1980, o estilo urbano consolidou-se nas ruas de Nova York, onde ele capturou o visual e a atitude de uma juventude que via a moda como forma de resistência, orgulho e pertencimento. Para os jovens envolvidos na cultura hip-hop e no *streetwear*, esses elementos representavam não apenas uma escolha estética, mas um posicionamento social diante das desigualdades. Logo, ao tratar do *streetwear*, é necessário reconhecer a contribuição de várias culturas e movimentos globais, que, em diferentes épocas, transformaram roupas em símbolos de identidade e resistência (Shabazz, 2001; Evans, 2003).

A skatista Patti McGee ilustra esse estilo na capa da revista *Life*, em 1965 (figura 2): uma jovem loira executando uma bananeira em um skate, numa pose que representava a novidade do esporte, mas cujo visual era familiar às garotas da época (LIFE, 1965). Essa imagem sintetiza tanto a novidade do skate quanto sua inserção num contexto cultural mais amplo.

Figura 2: Patti McGee na capa da revista LIFE



Fonte: Revista Life, 1965

Na mesma época, os jovens surfistas Jay Adams, Stacy Peralta (figura 3) e Tony Alva, cansados de esperar boas ondas, começaram a adaptar seus equipamentos. Para combater o tédio, pegaram pranchinhas de madeira e adicionaram dois *trucks* de ferro com rodinhas de patins, criando o skate, esporte que também influenciou significativamente o *streetwear* (Brooke, 2008). A atitude, o estilo de vida rebelde e o visual despojado dos skatistas, especialmente Adams, deram origem ao "look" característico e transgressivo do skate.

Figura 3: Stacy Peralta e Jay Adams



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

O *streetwear* surgiu originalmente da fusão de diversas subculturas, começando com o surfe e o skate e posteriormente incorporando estilos musicais como punk, *new wave* e hip-hop. Em meados dos anos 1970, em Venice e Laguna Beach, grupos como os Z-Boys, incluindo nomes como Stacy Peralta, Tony Alva e Jay Adams, introduziram elementos de vestuário que se associariam ao skate. Essas roupas não eram exatamente uniformes esportivos, mas refletiam o universo e o estilo de vida dos praticantes (Brooke, 2008).

Em Nova York, o cenário era diferente. Na interseção entre a disco e o hip-hop, um novo estilo de moda emergiu, influenciado pela redescoberta e valorização de elementos da cultura africana e pelas ações culturais e educacionais dos Panteras Negras e do movimento negro (figura 4). Nos bairros pobres de Los Angeles, estudantes secundaristas, inspirados pelo Partido dos Panteras Negras, lideraram grandes protestos com a participação de latinos e colegas brancos em situações socioeconômicas semelhantes. Esse estilo visual era mais prático e casual, refletindo o contexto econômico e social. Tal cenário mudaria com o passar da década de 1980, quando o *streetwear* ganharia mais visibilidade (Davis, 1992).

Figura 4: os Panteras Negras com os porto-riquenhos

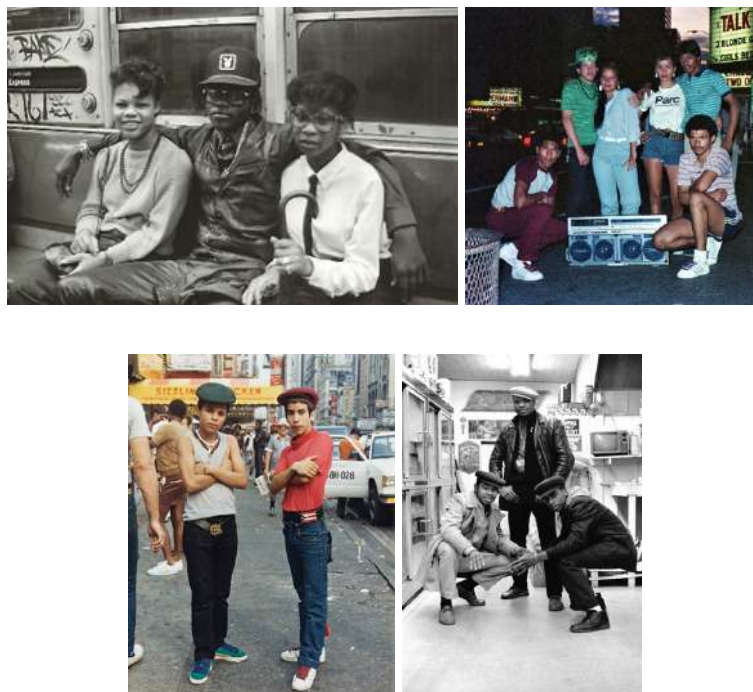


Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Ao falar do nascimento de um estilo, a data não é o único dado relevante; é preciso considerar códigos organizados, riqueza de elementos, abertura a sutilezas, capacidade de influência, fluxo e modos de permanência. Embora se possa ter uma percepção imediata do que ocorre, do ponto de vista histórico, tais fenômenos são analisados retrospectivamente (Dantas, 2005). Assim, não se pode discutir o *streetwear* como o conhecemos hoje sem mencionar a cena novaiorquina a partir do final dos anos 1970. Os *looks* das ruas de Nova York, capturados pelo fotógrafo

Jamel Shabazz (figura 5), eram impactantes e permanecem, até hoje, como imagem base para as maiores grifes do mundo (Shabazz, 2001).

Figura 5: Fotos de Jamel Shabazz



Fonte: acervo do Smithsonian National Museum of African American History and Culture, cortesia de Jamel Shabazz, 2024

A primeira fase dos registros de Jamel Shabazz concentra-se na área de Flatbush, no Brooklyn, entre 1975 e 1989 (figura 7). Naquela região, viviam afro-americanos, sul-americanos, caribenhos e descendentes de imigrantes italianos, criando um ambiente culturalmente diverso, em contraste com a composição das áreas mais ricas de Manhattan. Esse contexto multicultural influenciou diretamente o trabalho de Shabazz, cuja fotografia, embora não o tenha tornado imortal, registrou de maneira marcante sua presença e a vida daquela comunidade (Shabazz, 2001).

Figura 7: fotos de Shabazz se concentra na área de Flatbush



Fonte: acervo do Smithsonian National Museum of African American History and Culture, cortesia de Jamel Shabazz

É interessante imaginar até onde Shabazz poderia ter percebido o impacto de seu trabalho. Suas fotografias hoje estão em livros, museus e são objeto de estudo em cursos, testemunhando uma era e uma estética que continuam a influenciar gerações.(Campbell, 2015)

2.2 ELEMENTOS DO ESTILO

Jaquetas Bombers:

As jaquetas bombers são elementos icônicos do estilo *streetwear*, especialmente associadas à estética hip-hop. Conhecidas por sua resistência ao tempo, essas peças frequentemente retornam com novas estampas, materiais e acabamentos que as mantêm relevantes na moda urbana. Originadas como parte integrante do guarda-roupa do hip-hop, as bombers não apenas proporcionam estilo, mas também são um símbolo de autenticidade e individualidade dentro da cultura.

Tênis:

Os tênis são peças essenciais no *streetwear*, simbolizando status e sendo altamente desejados tanto por jovens quanto por adultos. A influência do basquete e do skate é evidente nos modelos que saíram das quadras e pistas para se tornarem ícones do estilo de rua. Um exemplo emblemático é a linha de tênis "Air Jordan" de Michael Jordan, lançada em 1985, que continua a ser um objeto de desejo com mais de 30 modelos distintos. A diversidade de cores e o conforto dos tênis contribuíram significativamente para sua popularidade duradoura.

Bonés:

Os bonés são acessórios clássicos do estilo hip-hop, disponíveis em uma variedade de estilos que vão desde lisos e estampados até aqueles com logos de marcas ou personalizados. Influenciados pelo basquete e skate, esses acessórios são utilizados não apenas como proteção solar, mas também como declaração de estilo e afirmação cultural dentro da comunidade *streetwear*.

Jóias de Ouro:

O uso de jóias de ouro é uma característica marcante no movimento hip-hop, representando status, fama e riqueza. Personalizadas com nomes de artistas ou gírias exclusivas, essas joias incluem correntes, colares, pingentes e anéis, além de dentes grillz, todos exibidos como símbolos de sucesso e prestígio dentro da cultura urbana.

Peças Oversized:

As peças oversized são fundamentais no estilo hip-hop, caracterizadas por seu ajuste largo e confortável, que combina uma aparência relaxada com um toque de sofisticação urbana. Este estilo, que teve seu auge nas décadas de 1990 e 2000 e ressurgiu recentemente, permite expressão pessoal e liberdade de movimento, sendo um reflexo autêntico da estética urbana contemporânea.

Logomania:

A logomania, popularizada nos anos 1990, é uma tendência forte no *streetwear*, destacando-se por estampar logos de marcas renomadas em destaque nas peças. Esta tendência teve um impulso significativo através de Dapper Dan, o

estilista pioneiro do estilo hip-hop em Nova York, que criou peças personalizadas com logos de marcas de luxo como Gucci, Fendi, Prada e Louis Vuitton. Essas colaborações não apenas definiram a moda urbana da época, mas também estabeleceram um novo padrão de exclusividade e sofisticação dentro da cultura *streetwear*.

2.3 EFEITO MICHAEL JORDAN

Michael Jordan (figura 8) não apenas revolucionou o basquete, mas também se tornou um ícone de estilo fora das quadras. Seu impacto se estendeu ao mundo da moda, transformando a percepção dos atletas e do vestuário esportivo.

Figura 8: Michael Jordan nos anos 90

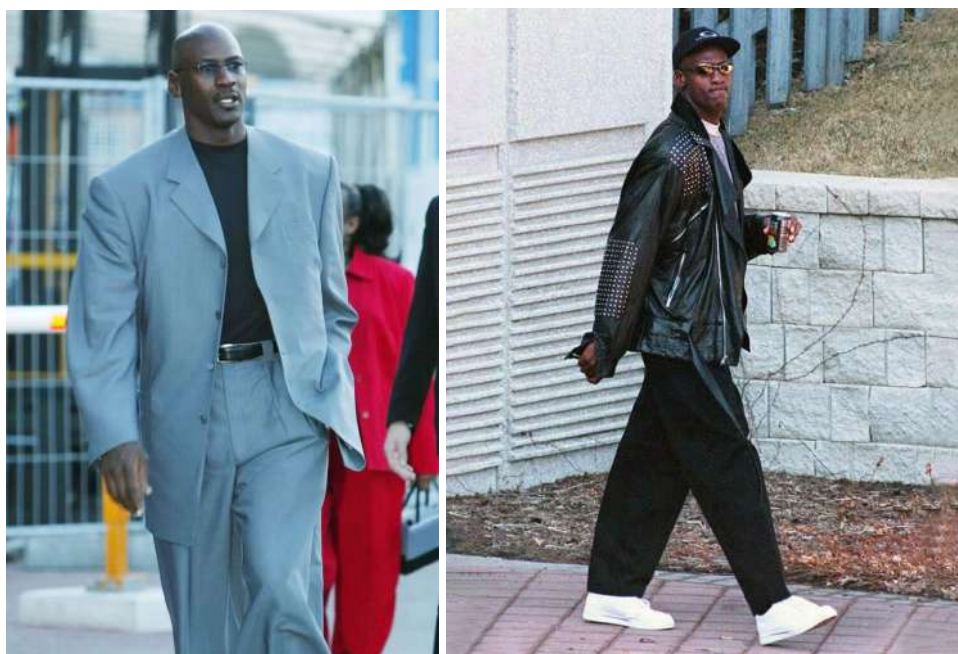


Fonte: notthesamo, 2023

Antes de Jordan, o basquete não estava ligado à moda. Tinker Hatfield, diretor criativo da Nike, menciona que os jogadores “se vestiam muito mal” e atribui a mudança no estilo à influência de Michael, conhecida como “efeito Michael Jordan”. Ele começou a se vestir de forma tão elegante que isso se tornou atraente para outros atletas. Os ternos que usava em entrevistas pós-jogo abalaram completamente a concepção da NBA sobre os códigos de vestimenta dos jogadores. Seu gosto por shorts extremamente largos também inspirou a liga a abandonar os modelos curtos que usavam há anos, criando o que agora definimos como “shorts de basquete”.

O alfaiate de Chicago, Alfonso Burdi, fez a maioria das roupas sob medida de Jordan. O relacionamento dos dois começou quando Burdi apresentou um protótipo de terno personalizado, com calças largas e paletós longos. Michael adorou a amplitude e pediu mais 13 ternos no mesmo dia, todos com o mesmo corte. Seus ternos mantinham um estilo amplo, com calças largas que acomodavam suas pernas arqueadas, caindo de maneira reta em seus 1,98 m. De certa forma, ele desafiou normas de gênero, usando drapeados para esconder seu corpo magro por trás de roupas que se ajustavam. Junto com os ternos e shorts largos, também usava jeans bootcut, jaquetas de couro amplos e calças cargo, além de regatas que compunham seu visual de treino. Suas escolhas refletiam sua confiança; ele usava o que queria com um toque impecável, misturando atitude e elegância, o que pode ser visto como uma fusão entre *streetwear* e alta costura, definindo o movimento da moda atual (figura 9).

Figura 9: Michael Jordan e seu estilo próprio



Fonte: notthesamo, 2023

Quando Jordan começou a jogar na liga, as regras permitiam apenas o uso de tênis genéricos fornecidos pela NBA, como os Chuck Taylors, e somente na cor branca. Porém, logo surgiu o Air Jordan, desenvolvido em parceria com a Nike, nas cores do Chicago Bulls - vermelho, branco e preto. Jordan usava os tênis em todos

os jogos (figura 10), desafiando as regras da NBA e recebendo uma multa de US\$5.000 por partida, que a Nike pagava prontamente.

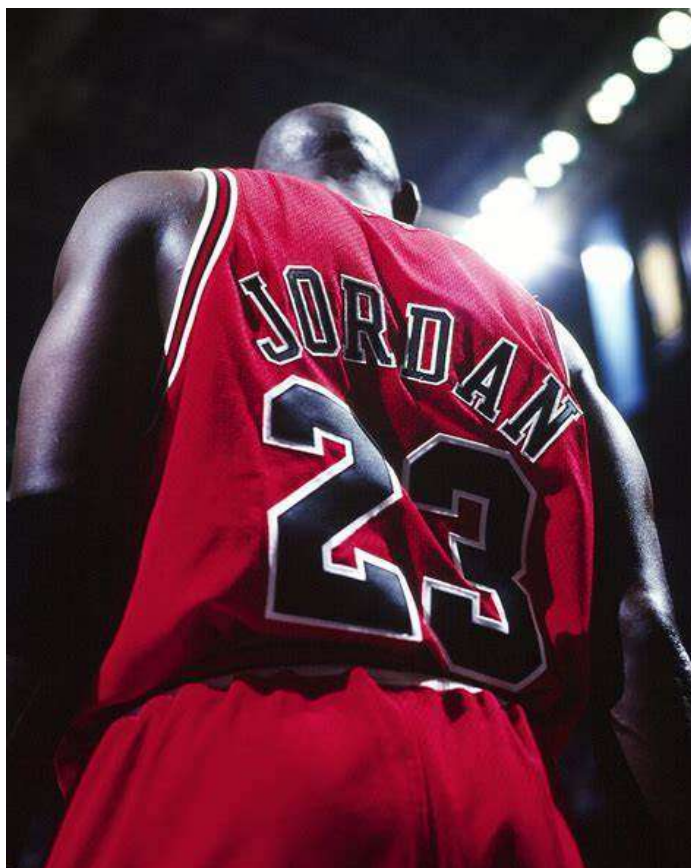
Figura 10: Michael Jordan usando Air Jordan 1 na NBA



Fonte: notthesamo, 2023

Em suma, Michael Jordan não apenas elevou o nível do basquete, mas também redefiniu o estilo dos atletas. Sua influência perdura - assim como o número 23 (figura 11) moldando a maneira como os jogadores se apresentam dentro e fora das quadras, e sua combinação de estilo e inovação continua a impactar o mundo da moda.

Figura 11: Michael Jordan em jogo pelo Chicago Bulls



Fonte: Sportszion, 2020

2.4 MARCAS INFLUENTES

Ambush

Fundada em 2008 por Yoon Ahn e Verbal, Ambush (figura 12) é uma marca de *streetwear* de luxo sediada em Tóquio. Inicialmente focada em jóias, a marca se destacou por suas peças grandes e chamativas, inspiradas na pop-art e com referências à estética clássica de Tóquio. Em 2015, durante a estreia de seus acessórios em Paris, a Ambush apresentou sua primeira coleção completa de roupas. Porém, um marco importante aconteceu apenas em 2018, quando a marca realizou seu primeiro desfile na Amazon Fashion Week Tokyo. Desde então sua história tem sido marcada por sucesso. Hoje em dia, a Ambush é um favorito cult

entre celebridades como Rihanna, ASAP Rocky, Lady Gaga e alguns dos maiores nomes do K-pop. A marca é conhecida por seus designs ousados, uso dinâmico de cores e por suas peças prontas para usar, incluindo o jeans. Além disso, Ambush tem colaborado com algumas das marcas mais populares da indústria, conquistando um status único no espaço do *streetwear* de luxo. Suas parcerias notáveis incluem marcas como BAPE, Levi's, NBA, Gentle Monster, Nike, Bvlgari, Louis Vuitton, Off-White e Moët & Chandon. Essas colaborações têm contribuído para a fama e prestígio da marca Ambush.

Figura 12: *Moodboard*



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Neighborhood

Fundada por Shinsuke Takizawa em 1994, Neighborhood é uma marca japonesa de *streetwear* que trouxe o estilo das ruas para o centro da moda. Inspirada na cultura motociclista, nas forças armadas americanas e no punk rock, a Neighborhood desenvolveu uma estética única que ganhou destaque tanto no Japão quanto no Ocidente. Reconhecida por seus designs não convencionais, alta qualidade e artesanato detalhado, a marca expandiu sua influência através de colaborações com marcas líderes do mercado, como Adidas Originals e Supreme. Mantendo sua essência motociclista e punk rock, a Neighborhood (figura 13) se reinventou ao longo dos anos, incorporando novos elementos culturais e mantendo-se relevante na cena do *streetwear*. Montagens com fotos da marca destacam suas criações inovadoras e seu compromisso com a qualidade.

Figura 13: Moodboard



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Supreme

Fundada em 1994 por James Jebbia, Supreme começou como uma boutique de skate em Manhattan e rapidamente se tornou um ícone do *streetwear*. Incorporando a cultura do skate e o estilo urbano, a marca conquistou uma base de fãs leal que aprecia suas coleções exclusivas e colaborações inovadoras. Ao longo dos anos, Supreme (figura 14) expandiu seu alcance global através de parcerias estratégicas, incluindo uma colaboração icônica com a Louis Vuitton que elevou o *streetwear* ao luxo. Reconhecida por suas colaborações com marcas como Nike, The North Face e Jean Paul Gaultier, Supreme continua a ser uma força influente na moda urbana, mantendo sua identidade autêntica e conectando-se com uma comunidade global de skatistas, punks e entusiastas de hip-hop.

Figura 14: Moodboard

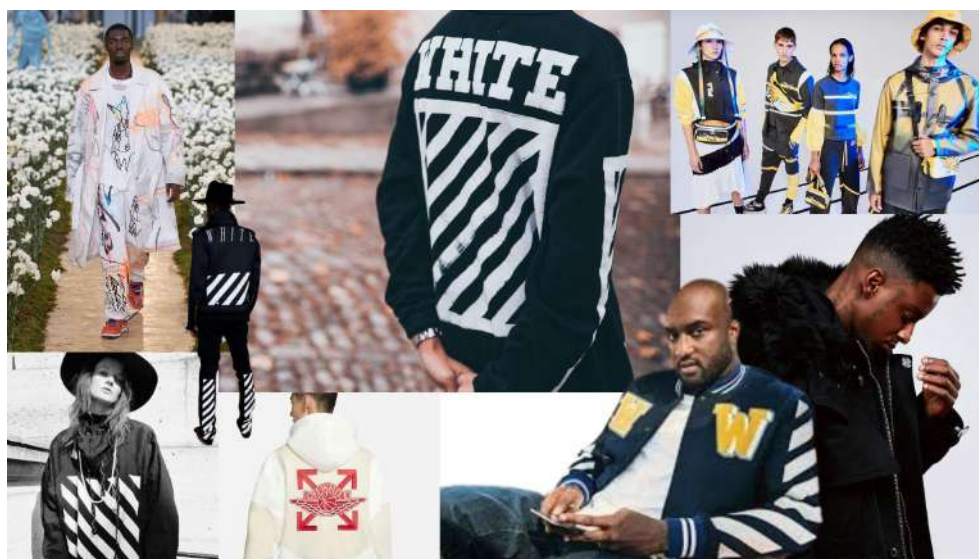


Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Off-White

Fundada por Virgil Abloh em 2013, Off-White revolucionou a fusão entre *streetwear* e luxo com sua abordagem progressiva e futurista. Conhecida por sua tipografia marcante, grafismos arrojados e colaborações emblemáticas, a marca rapidamente conquistou status de cult. Antes da Off-White (figura 15), Abloh havia ganhado reconhecimento com sua marca Pyrex Vision, que causou controvérsia ao revender camisas da Ralph Lauren. Com o lançamento da Off-White, Abloh consolidou sua posição na vanguarda da moda, destacando-se nas passarelas da Paris Fashion Week e colaborando com marcas como Nike, Levi's e Louis Vuitton, onde lidera a divisão masculina. A marca é conhecida por detalhes distintivos, como o cinto industrial amarelo e preto e inscrições entre aspas em seus designs, que conferem uma exclusividade singular aos seus produtos.

Figura 15: Moodboard



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

A Bathing Ape (BAPE)

Fundada por Nigo em 1993, A Bathing Ape, ou BAPE, é uma marca japonesa de *streetwear* conhecida por sua estética ousada e influências do filme “Planeta dos Macacos”. Com seu padrão de camuflagem característico e moletons de tubarão, a BAPE (figura 16) ganhou destaque no início dos anos 2000, especialmente após colaborar com Pharrell Williams. Desde então, a marca continuou a crescer com colaborações bem-sucedidas com artistas como Lil Wayne, Jay-Z e Wiz Khalifa, solidificando sua posição na moda urbana. Fotos de produtos BAPE destacam sua estética distinta e sua capacidade de se reinventar ao longo dos anos, mantendo-se na vanguarda do *streetwear* japonês.

Mesmo com as adversidades, Larissa, que vive o *streetwear* desde a adolescência, acredita que a cena nacional está crescendo, com a internet sendo um fator fundamental para esse avanço. "Com a melhoria dos canais de comunicação, como blogs de *streetwear*, e informações acessíveis a todo momento, as pessoas têm acompanhado o que acontece nesse universo" (Rocha, 2018).

O acesso à informação também contribui para que marcas nacionais de *streetwear* ganhem visibilidade. A própria *The Game Collective*, com o projeto "Valorize o Produto Nacional", fortalece esse movimento. Outros grupos, como o Brazilian Apparel no Facebook, também são importantes. Guilherme Araújo, criador do Brazilian, destaca que o grupo, com cerca de 14 mil membros, facilita a divulgação de marcas nacionais e funciona como um espaço para compra, troca e venda de produtos (Araújo, 2018).

Para além das lojas e grupos virtuais, onde marcas renomadas e independentes são vendidas, os brechós surgem como uma alternativa acessível para aqueles que prezam pela estética de rua mas têm limitações financeiras. Leandro Souza, dono do brechó virtual Pardon Madame (figura 17), ressalta que os brechós oferecem peças de qualidade a preços mais baixos, além de serem uma forma sustentável de consumo (Souza, 2018).

Figura 18: T-Shirt da Players Clothing



Fonte: Players Clothing, 2024

O crescimento do *streetwear* no Brasil é evidente em eventos como o Sold Out, que reuniu mais de 3.000 pessoas interessadas em comprar, vender e trocar produtos de marcas nacionais e internacionais. Roberto Filho, da Sneaker Cult, ressalta a carência de eventos desse tipo e o sucesso independente da última edição do Sold Out.

No contexto da moda de rua brasileira, é importante reconhecer a diversidade cultural e geográfica do país. O estilo de *streetwear* varia entre estados e cidades, refletindo a pluralidade de influências culturais e socioeconômicas. Essa diversidade é o que torna o *streetwear* brasileiro único e vibrante.

3 DIFERENÇAS SOCIOECONÔMICAS E A MODA **STREETWEAR**

O Brasil apresenta diferenças socioeconômicas claras, refletidas na moda. No entanto, o *streetwear*, por sua origem e influência do meio artístico e esportivo, aproxima pessoas de diferentes condições financeiras. A expressão pessoal e as vivências compartilhadas no universo do *streetwear* criam um espaço comum, onde todos podem se identificar e se expressar através da moda.

Exemplos como o de indivíduos que vestem marcas populares, como Cyclone e Kenner, e outros que optam por marcas de valores mais altos, como Carnan e Pace, ilustram essa diversidade dentro do mesmo universo fashion (figura 19). O *streetwear* vai além das peças e combinações, trazendo em si a vivência e a expressão de cada indivíduo.

Figura 19: Moodboard



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

3.1 PERSPECTIVAS FUTURAS

O cenário é promissor para o *streetwear* no Brasil. A ascensão de marcas independentes e eventos dedicados à cultura do *streetwear*, como o Sold Out, demonstram o potencial de crescimento da cena nacional. A valorização da originalidade, a sustentabilidade e a inclusão de diferentes realidades socioeconômicas são elementos essenciais para o desenvolvimento e a consolidação do *streetwear* brasileiro.

Com uma cena que abrange diversas influências culturais e sociais, o *streetwear* no Brasil tem a oportunidade de se destacar globalmente, mantendo sua identidade única e refletindo a pluralidade e riqueza cultural do país.

4 MANO BROWN – VIDA E OBRA

4.1 EMPATIA: COMPREENDENDO A REALIDADE PERIFÉRICA

Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira (figura 20), nasceu e cresceu em um dos bairros mais marginalizados de São Paulo, o Capão Redondo. Desde jovem, o artista desenvolveu uma profunda conexão com a realidade periférica, expressando sua empatia através das letras e abordando temas como violência, racismo e exclusão social. Através das rodas de samba e encontros de rap, Brown absorveu as vivências de seu entorno, desenvolvendo uma perspectiva sensível às dificuldades de sua comunidade (GESSA, 2013). Essa capacidade de entender e se identificar com as experiências alheias está alinhada à primeira etapa do Design Thinking, a Empatia (AMBROSE, HARRIS, 2018), essencial para captar e interpretar os problemas do público.

Figura 20: Mano Brown assinando o livro *Sobrevivendo no Inferno*



Fonte: Internacional da Amazônia, 2024

4.2 DEFINIÇÃO: ARTICULANDO OS PROBLEMAS CENTRAIS

Depois de entender profundamente o contexto social em que vivia, Brown direcionou suas músicas para questões específicas, como a violência policial e a desigualdade, estabelecendo uma narrativa coesa sobre as realidades da periferia. No álbum *Holocausto Urbano* (1988) (figura 21), Racionais MC's, grupo fundado por Brown, define os principais problemas sociais e desafios enfrentados pelas

comunidades marginalizadas. Essa etapa de definição é fundamental para criar uma base sólida para as próximas ações, consolidando a identidade do grupo em torno de temas que necessitavam de visibilidade e reflexão crítica (AMBROSE, HARRIS, 2018).

Figura 21: Disco *Holocausto Urbano*

Fonte: Vinil Records, 2024

4.3 IDEIAÇÃO: CRIATIVIDADE E EXPLORAÇÃO DE SOLUÇÕES

A fase de Ideação (AMBROSE, HARRIS, 2018) representa o momento em que Brown e seu grupo exploram formas inovadoras de apresentar sua mensagem. Inspirado pelas batidas e estilos que marcaram o movimento hip-hop, como o funk de James Brown e o samba brasileiro, ele desenvolveu letras e melodias que impactam o público de forma profunda (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2024). A união de elementos do rap com influências do soul e funk criou uma identidade sonora única e contribuiu para a renovação do gênero, levando a cultura hip-hop brasileira a um novo patamar de representatividade e expressão artística.

4.4 PROTOTIPAGEM: CRIAÇÃO DOS ÁLBUNS COMO EXPRESSÃO DA REALIDADE

Na fase de Prototipagem (AMBROSE, HARRIS, 2018), Brown utiliza cada álbum como uma forma de experimentar e comunicar o impacto de suas ideias. Cada trabalho lançado pelos Racionais MC 's funciona como uma expressão tangível das mensagens de resistência e crítica social. *Sobrevivendo no Inferno* (1997) (figura 23) é um exemplo claro dessa fase, onde o grupo retrata a vivência periférica de forma crua e direta, testando o impacto de sua narrativa junto ao público. Esse álbum, em particular, tornou-se um “projeto-piloto” para abordar de forma contundente a violência, a pobreza e a luta diária das comunidades de baixa renda, marcando a identidade do grupo na história do rap nacional (Itaú Cultural, 2024).

Figura 23: Disco *Sobrevivendo no Inferno*



Fonte: Revista Medium, 2024

4.5 TESTE: RECEPÇÃO E AJUSTE DA MENSAGEM

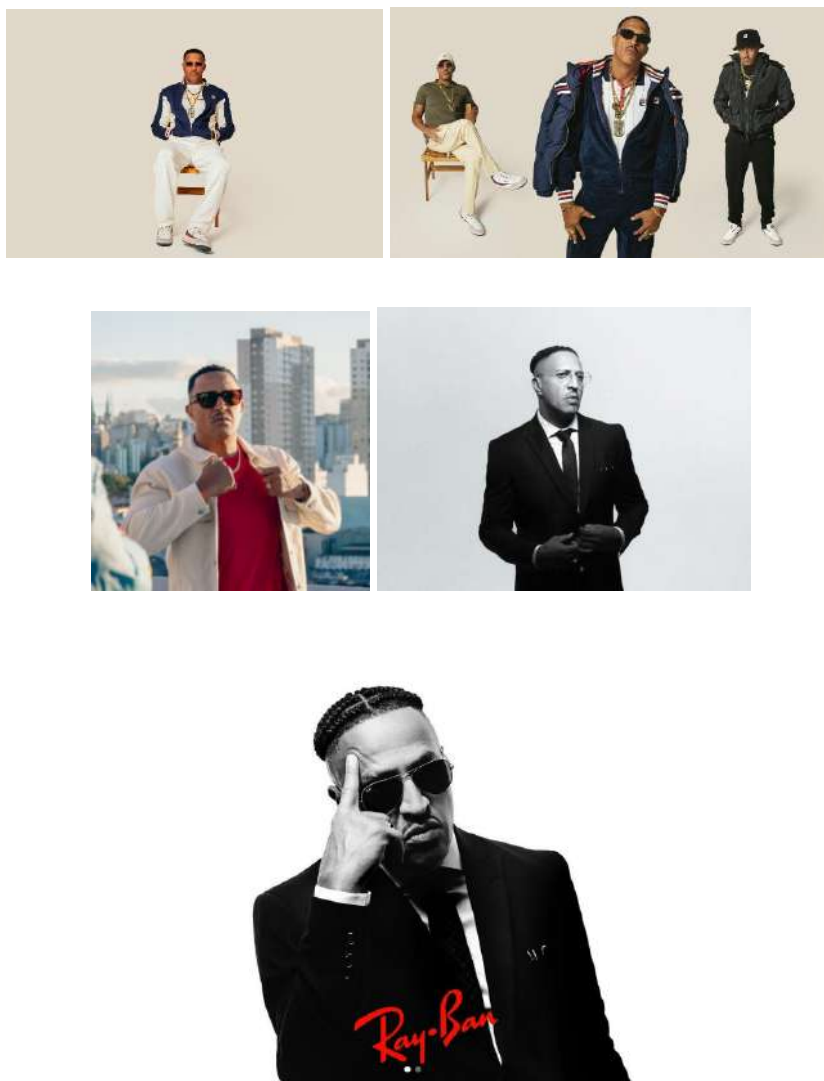
Depois de lançar seus álbuns, Brown e seu grupo avaliam a recepção do público e da crítica, ajustando suas abordagens conforme as reações. *Sobrevivendo no Inferno* (figura 23), por exemplo, vendeu mais de meio milhão de cópias e foi incluído na lista de leituras obrigatórias para vestibulares (GESSA, 2013), um reconhecimento da relevância social e educacional da obra. Além disso, eventos, shows e palestras permitem que o grupo receba feedback diretamente dos ouvintes, refinando sua abordagem e reforçando sua conexão com o público, consolidando uma etapa de Teste (AMBROSE, HARRIS, 2018) essencial para validar e aprimorar o trabalho (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2024).

4.6 IMPLEMENTAÇÃO: EXPANSÃO DA INFLUÊNCIA PARA ALÉM DA MÚSICA

A fase de Implementação (AMBROSE, HARRIS, 2018) vai além da música, representada pela influência social e cultural de Mano Brown. Em 2023, ele foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Sul da Bahia, o que reconhece sua contribuição cultural e seu papel como um líder social. Parcerias com marcas renomadas como FILA e Ray-Ban (figura 24), além da apresentação no Rock in Rio em 2022, mostram que sua mensagem agora alcança um público ainda maior, trazendo as pautas da periferia para o mainstream e

inspirando novas gerações a se orgulhar de sua identidade e lutarem por seus direitos (GQ BRASIL, 2023).

Figura 24: Mano para nova coleção da Fila e para a Ray-Ban em 2023



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

4.7 APRENDIZADO: EVOLUÇÃO CONTÍNUA E REFLEXÃO

O último estágio do Design Thinking é o Aprendizado, uma fase contínua na carreira de Brown. Ele reflete sobre seu estilo e evolução, mencionando em entrevistas que busca trazer elementos da sua história para a estética atual. A evolução de seu estilo, passando de roupas largas dos anos 90 (figura 26) para uma moda mais refinada e alinhada com o *streetwear* atual (figura 27), é reflexo de sua trajetória pessoal e adaptação ao tempo presente (Itaú Cultural, 2024). Essa fase de

aprendizado é essencial para mantê-lo relevante e alinhado com as novas gerações, ao mesmo tempo que preserva suas raízes culturais.

Figura 26: Mano Brown para o disco *Nada com um dia após o outro*



Fonte: Diário do Nordeste, 2021

Figura 27: Mano Brown no *Boogie Week*



Fonte: Instagram, 2024 por Jeferson Delgado

4.8 ELEMENTOS DE ESTILO AO LONGO DA CARREIRA

A conexão entre moda e hip-hop no Brasil é de grande importância, refletindo o crescimento da cultura das periferias não só localmente, mas também em âmbito global. O hip-hop é uma parte essencial da vida nas periferias brasileiras e em muitos outros lugares, servindo como uma forma de expressão cultural e identidade. A moda associada ao hip-hop representa uma resistência e autenticidade, permitindo que os jovens das periferias afirmem sua individualidade e estilo.

Nessa interseção entre moda e cultura hip-hop, elementos distintivos como jaquetas bombers, tênis, bonés e jóias de ouro personalizadas desempenham papéis essenciais (figura 28). Essas peças não apenas se tornaram símbolos de status e estilo, mas também influenciaram a moda contemporânea brasileira. Marcas renomadas, tanto nacionais quanto internacionais, buscam inspiração na estética do hip-hop para suas coleções, reconhecendo assim a relevância cultural das periferias.

Figura 28: Mano Brown no Roda Viva em 2007



Fonte: Bocada Forte, 2007

A colaboração entre marcas de luxo e a cultura hip-hop não apenas democratiza o acesso à moda para as comunidades periféricas, mas também desafia estereótipos e preconceitos. A adesão das grandes grifes (figura 29) à estética hip-hop é uma evidência do impacto cultural e estilístico dessa cultura. A expressão "A favela venceu!" simboliza não apenas a resistência, mas também o reconhecimento e valorização da cultura das periferias no cenário mainstream.

Figura 29: Mano Brown para divulgação



Fonte: Instagram, 2024 (Pedro Dimitri)

A entrevista com Mano Brown, para a *GQ Brasil*, destaca a preocupação histórica com a imagem dentro do hip-hop. Brown observa como a estética sempre foi uma parte fundamental da vida cotidiana e do rap, representando orgulho e autenticidade. Segundo ele, “a estética sempre fez parte do cotidiano e do rap” (Brown, 2023). Ele descreve seu estilo atual como “O.G.” (original gangster), uma evolução ao longo dos anos que reflete sua jornada pessoal. Hoje, ele gosta muito de trazer o atual com as referências em detalhe na música antiga, como soul e funk. Brown afirma que “trazer o atual com referências da música antiga é fundamental” (Brown, 2023). Essa relação começou no final dos anos 1990, com o lançamento do disco *Sobrevivendo no Inferno*. Naquela época, os artistas se vestiam de acordo com as tendências do hip-hop, usando roupas largas e cordões grossos. Contudo, Brown se diferenciava ao adotar o “chapéu coco” (figura 30 e 31), utilizado por alguns cantores de jazz das décadas de 1950 e 1960, afirmando que “a escolha do chapéu coco foi uma forma de se diferenciar” (Brown, 2023).

Figura 30: Mano Brown para divulgação do disco *Sobrevivendo no Inferno*



Fonte: Revista Cult, 2018

Figura 31: Mano Brown no DVD *Racionais 3 Décadas*



Fonte: Tenho Mais Discos do que Amigos!, 2019

Hoje, com a evolução do *streetwear*, Brown também evolui. De acordo com seus *stylings*, Emerson Timba e Léo Bronks, “ele não usa mais blusas largas nem misturar marcas” (Timba; Bronks, 2023). Além disso, “às vezes, gosta de usar grife” (figura 32 e 33) (Timba; Bronks, 2023). Essa transformação reflete não apenas seu gosto pessoal, mas também uma adaptação às novas tendências da moda.

Figura 32: Mano Brown com terno da Louis Vuitton para capa da Revista ELLE



Fonte: Elle, 2021 por Bob Wolfenson

Figura 33: Mano Brown com casaco da Gucci para capa da Revista GQ



Fonte: GQ Brasil, 2023 por Pedro Dimitri

A partir das referências de Mano Brown, um *moodboard* (figura 34) pode ser estruturado com palavras-chave que capturam a essência do seu estilo autêntico e de sua conexão com a cultura urbana.

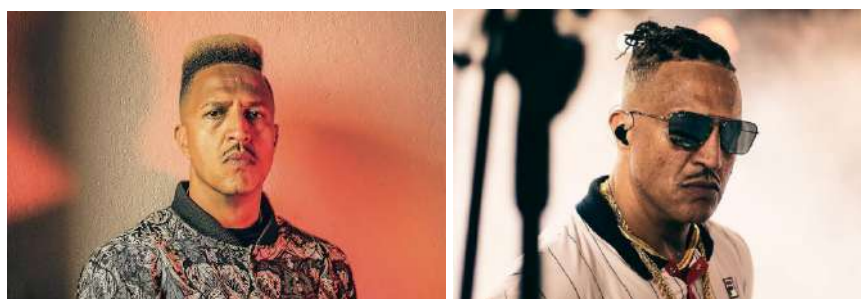
Figura 34: *Moodboard* de referências das vestimentas de Mano Brown



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Brown também compartilha sua preferência por praticidade quando se trata de penteados, reconhecendo os desafios do cabelo afro. Ele expressa sua vontade de explorar novos estilos, como dreads e tranças ancestrais (figura 35 e 36), demonstrando uma evolução contínua em sua aparência. Segundo ele, “a praticidade é fundamental, mas isso não significa que não posso explorar novos estilos” (Brown, 2023). Essa busca por novas opções é uma parte importante de sua expressão pessoal.

Figura 35: Mano Brown se expressando através do cabelo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Figura 36: Mano Brown com cabelo black no anos 90



Fonte: Olha onde a favela chegou, 2010

Destaca-se como o hip-hop influencia a moda brasileira, tanto nas passarelas quanto na vida diária. A estética hip-hop é uma parte integral da identidade e expressão pessoal de figuras como Mano Brown. Segundo ele, “o hip-hop não é apenas música; é uma forma de vida que impacta a moda e a cultura” (Brown, 2023). Essa influência pode ser observada nas escolhas de vestuário e estilo de artistas e jovens, que incorporam elementos do hip-hop em seu cotidiano (figura 37).

Figura 37: Mano Brown para o Spotify, por Pedro Dimitry



Fonte: GZH, 2021

Concluindo, a influência do hip-hop na moda brasileira é profunda e multifacetada, refletindo uma fusão única entre música, cultura e estilo. A partir da visão de figuras emblemáticas como Mano Brown, o hip-hop não é apenas uma expressão musical, mas uma forma de vida que molda a identidade e o comportamento de muitos brasileiros, especialmente nas periferias. Nas passarelas, a estética hip-hop se traduz em uma reinterpretação criativa das ruas, com elementos urbanos ganhando destaque em coleções de grandes estilistas e influenciando a moda mainstream. No cotidiano, o hip-hop se manifesta como uma ferramenta de expressão pessoal, onde jovens e artistas incorporam suas roupas e estilos como forma de resistência, orgulho e pertencimento. Assim, o hip-hop vai além da música, sendo um movimento cultural que permeia as mais diversas esferas da sociedade brasileira, consolidando-se como uma verdadeira linguagem de moda e identidade.

5 EDITORIAL

Os editoriais de moda desempenham um papel central na comunicação visual dentro da indústria fashion, funcionando como um meio pelo qual designers, fotógrafos, stylists e diretores de arte colaboram para construir narrativas visuais. No contexto da moda masculina, esses editoriais são ferramentas valiosas que permitem explorar novas tendências, estilos e percepções de masculinidade (Hopkins, 2016), alinhando-se às discussões contemporâneas sobre identidade que artistas como Mano Brown, Emerson Timba e Léo Bronks também abordam em suas obras.

Mais do que simplesmente exibir roupas, o editorial de moda representa uma forma de contar histórias através de imagens. Para o designer de moda masculina, essa é uma oportunidade de transmitir sua visão criativa e apresentar suas coleções de maneira conceitual e estética, sem as limitações práticas impostas por desfiles ou lojas físicas. Como afirma Brown (2018), “a gente se veste de esperança, mas a realidade é dura”, refletindo a maneira como o editorial permite ao designer experimentar novas ideias e questionar conceitos tradicionais de masculinidade, promovendo discussões sobre identidade e estilo. Neste cenário (Hopkins, 2016) destaca a importância do editorial de moda como um campo de experimentação, onde elementos da tradição podem ser desafiados e reconfigurados, permitindo que novas

A criação de um editorial envolve diversas escolhas criativas que contribuem para a construção de uma narrativa visual coesa. A seleção das peças, por exemplo, pode desconstruir a alfaiataria tradicional ou incorporar elementos de vestuário feminino, criando novas possibilidades de expressão. Isso ressoa com as letras de Timba (2020), que desafiam normas e promovem uma visão mais inclusiva da masculinidade.

O uso de cores e texturas em editoriais é fundamental para definir o tom e a mensagem visual. Na moda masculina, cores neutras como preto e cinza podem sugerir sobriedade, enquanto cores vibrantes e texturas ousadas criam uma estética contemporânea e provocadora (Seivewright, 2018). Essa diversidade estética reflete a nova masculinidade que emerge na sociedade, uma discussão que se alinha com

o trabalho de designers que, como Alessandro Michele na Gucci (figura 38), apresentam uma estética maximalista e uma mistura de referências culturais.

Figura 38: Coleção de Alessandro Michele para Gucci em 2018



Fonte: New York Times, 2022

O ambiente e a cenografia, escolhidos cuidadosamente, desempenham um papel crucial. Cenários urbanos refletem o dinamismo da moda masculina moderna, ecoando o ritmo vibrante das cidades que inspiram artistas como Léo Bronks, que trazem uma narrativa visual rica e complexa para suas letras e performances.

A fotografia e a direção de arte contribuem significativamente para a atmosfera editorial. A escolha de ângulos, iluminação e composição das imagens ajuda a destacar aspectos específicos das roupas, reforçando a mensagem que o designer deseja transmitir (Seivewright, 2018). A subversão de elementos tradicionais da moda masculina, especialmente em colaborações como a de Louis Vuitton com Supreme, oferece uma nova perspectiva sobre o estilo contemporâneo, ampliando as noções de masculinidade.

Os editoriais de moda masculina têm se tornado importantes veículos de mudança nas representações de gênero, ajudando a expandir e redefinir as noções tradicionais de masculinidade. À medida que a moda se torna mais diversificada, esses espaços criativos permitem que designers, músicos e artistas articulem uma

nova linguagem, onde o estilo não é apenas uma questão de aparência, mas uma poderosa forma de expressão e identidade.

Em resumo, os editoriais de moda masculina são uma ferramenta essencial para a expressão criativa dos designers, permitindo que eles desafiam normas estéticas, explorem novas formas de masculinidade e ofereçam ao público uma visão mais rica e diversa do que significa "ser masculino". Em um cenário de constantes mudanças, os editoriais são capazes de influenciar tanto a indústria quanto o comportamento do consumidor, contribuindo para a definição de tendências e novas abordagens no design de moda masculina.

5.1 EDITORIAL AUTORAL

Styling

Para este editorial, o *styling* pode explorar roupas que remetem ao estilo de Mano Brown (figura 39), com uma forte referência ao *streetwear* que atravessa os anos 1990, 2000 e se conecta com as tendências atuais. Esse estilo representa mais do que uma simples escolha de moda; ele é uma expressão cultural e social, carregada de autenticidade e atitude.

De acordo com Newhard (2018), o *styling* deve ser uma narrativa visual; nesse sentido, a escolha das peças deve transmitir uma fusão de épocas e influências urbanas. Para captar a essência de Mano Brown, o *styling* pode incluir:

- **Anos 1990:** camisetas oversized, jaquetas de couro, calças largas e bonés de aba reta, traduzindo a estética clássica do hip-hop e do rap, que marcou a década.
- **Anos 2000:** jaquetas esportivas com logotipos de marcas, conjuntos de moletom e acessórios, como correntes e pulseiras, que trazem uma atitude mais "street" e conectam o estilo à cultura urbana em expansão.
- **Dias atuais:** peças modernas inspiradas no *streetwear* clássico, mas atualizadas com cortes mais ajustados e materiais tecnológicos, como calças cargo, sneakers de design ousado e acessórios minimalistas.

Com esse *styling*, o editorial não só recria o visual marcante de Mano Brown, mas também explora a evolução do estilo de rua ao longo das décadas, oferecendo uma narrativa visual que combina autenticidade e homenagem ao *streetwear*, em uma linguagem que vai além da moda e alcança a cultura urbana em suas várias expressões.

Figura 39: *Moodboard*









Fonte: Elaborado pelo autor

5.2 LOCAÇÃO

Para este editorial inspirado no estilo de Mano Brown e na estética dos anos 1990, 2000 e contemporânea, a escolha de locações em zonas portuárias e centros religiosos (figura 40) traz uma profundidade simbólica essencial. Segundo Newhard (2018), a locação deve complementar e amplificar a narrativa visual. Neste caso, a escolha por zonas portuárias, com sua atmosfera pesada e histórica, adiciona um pano de fundo que reflete o lado mais sombrio e resiliente da vida urbana, ecoando o conteúdo socialmente crítico dos álbuns *Sobrevivendo no Inferno* e *Nada como um dia após o outro dia*.

As zonas portuárias, com suas estruturas industriais, armazéns e atmosferas carregadas, dialogam com o conceito de resistência e sobrevivência. Já os centros religiosos oferecem uma dualidade, remetendo tanto à introspecção e à espiritualidade quanto às temáticas de redenção e superação, presentes nas letras de Mano Brown e nos temas desses álbuns.

Conforme o conceito de Newhard (2018), essa combinação de locações pode funcionar como uma narrativa adicional, trazendo o peso cultural e emocional dos espaços para destacar a essência do *styling* e criar um editorial que conversa com as realidades abordadas pelo artista. Assim, cada imagem ganha camadas de significado, reforçando a conexão entre moda, contexto social e identidade cultural.

Figura 40: Possíveis locais para o editorial



Fonte: Google Maps, 2024

5.3 FOTOGRAFIA E ESTÉTICA

Para este editorial inspirado no estilo e nas influências de Mano Brown, a fotografia em preto e branco, com filtro amarelado, adiciona um nível extra de profundidade e homenagem aos álbuns *Sobrevivendo no Inferno* (figura 41) e *Nada como um dia após o outro dia* (figura 42). No livro *The Fashion Image*, Christopher Newhard (2018) destaca que o tratamento fotográfico deve estar em sintonia com o conceito e a narrativa visual do editorial, criando uma identidade estética única e evocando a atmosfera desejada.

A abordagem em preto e branco remete ao editorial sombrio e introspectivo de *Sobrevivendo no Inferno*, evocando a dureza e a luta cotidiana da periferia de São Paulo. As sombras marcantes e os contrastes acentuados do preto e branco enfatizam a narrativa de resistência e sobrevivência nas ruas, oferecendo uma sensação de atemporalidade e reforçando a intensidade emocional do ensaio.

Já o filtro amarelado, inspirado nos visuais de *Nada como um dia após o outro dia*, introduz uma perspectiva mais nostálgica e calorosa, capturando a essência das ruas.

Figura 41: Mano Brown para o disco “Sobrevivendo no Inferno”



Fonte: Folha, 202

Figura 42: Divulgação do disco “Nada como um dia após o outro dia”



Fonte: Rolling Stones, 2024

5.4 MODELOS

Para este editorial inspirado em Mano Brown, a escolha de modelos (figura 43) diversificados, incluindo pessoas brancas, negras e pardas, reforça o compromisso com uma representação autêntica e inclusiva, refletindo a diversidade das periferias paulistanas. Segundo Newhard (2018), em *The Fashion Image: Planning and Producing Fashion Photographs and Films*, os modelos em um editorial de moda devem alinhar-se intimamente ao conceito e à narrativa visual, transmitindo a mensagem de maneira autêntica.

Mano Brown, sendo um homem negro e oriundo da favela, é amplamente conhecido por suas letras de cunho político, abordando temas como desigualdade social e identidade racial. A diversidade dos modelos não só faz referência à pluralidade das comunidades retratadas nas letras do artista, mas também fortalece a conexão com a essência de suas músicas, que representam a realidade vivida nas periferias.

Como destaca Newhard (2018), os modelos devem funcionar como personagens que trazem intensidade emocional e proximidade com o tema. Neste contexto, cada modelo não apenas veste o *styling*, mas também incorpora a narrativa visual do editorial, ecoando a identidade de resistência, diversidade e autenticidade que define o trabalho de Mano Brown. A escolha de uma equipe diversa traz profundidade ao conceito e reforça a dimensão social e cultural do

editorial, criando uma imagem que é tanto uma expressão estética quanto um tributo à mensagem política e à identidade de Mano Brown.

Figura 43: *Moodboard*



Fonte: Elaborado pelo autor

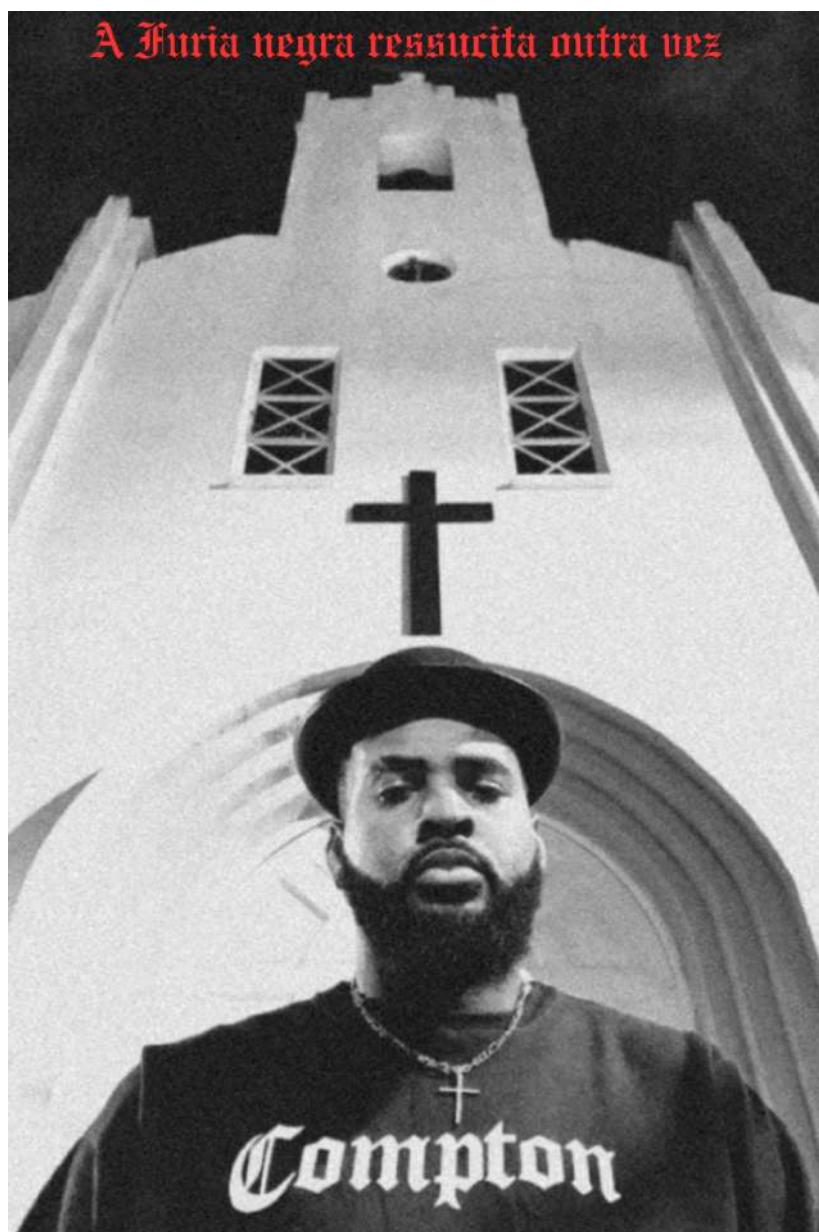
A intenção é destacar a interseção entre a estética do streetwear, a cultura hip-hop e questões sociais mais amplas. A mensagem pode explorar a importância de se enxergar nas narrativas culturais, especialmente no que diz respeito ao estilo e à identidade. O streetwear, muito influenciado por figuras como Mano Brown, tornou-se um meio de expressão para as periferias, colocando a cultura negra e a classe trabalhadora em evidência de forma vibrante e assertiva. Através de suas letras e da moda que promove, há uma crítica à desigualdade, à violência policial e à falta de oportunidades para as periferias. Sua estética pode ser vista como um grito por visibilidade e respeito.

Além disso, o editorial pode refletir sobre como o streetwear, inicialmente um movimento underground, ganha força no mainstream ao incorporar símbolos de resistência, identidade e comunidade. A moda se transforma em uma forma de protesto contra o sistema opressor, ao mesmo tempo em que afirma uma cultura de pertencimento, promovendo reflexão e ação social.

5.5 Resultado Final

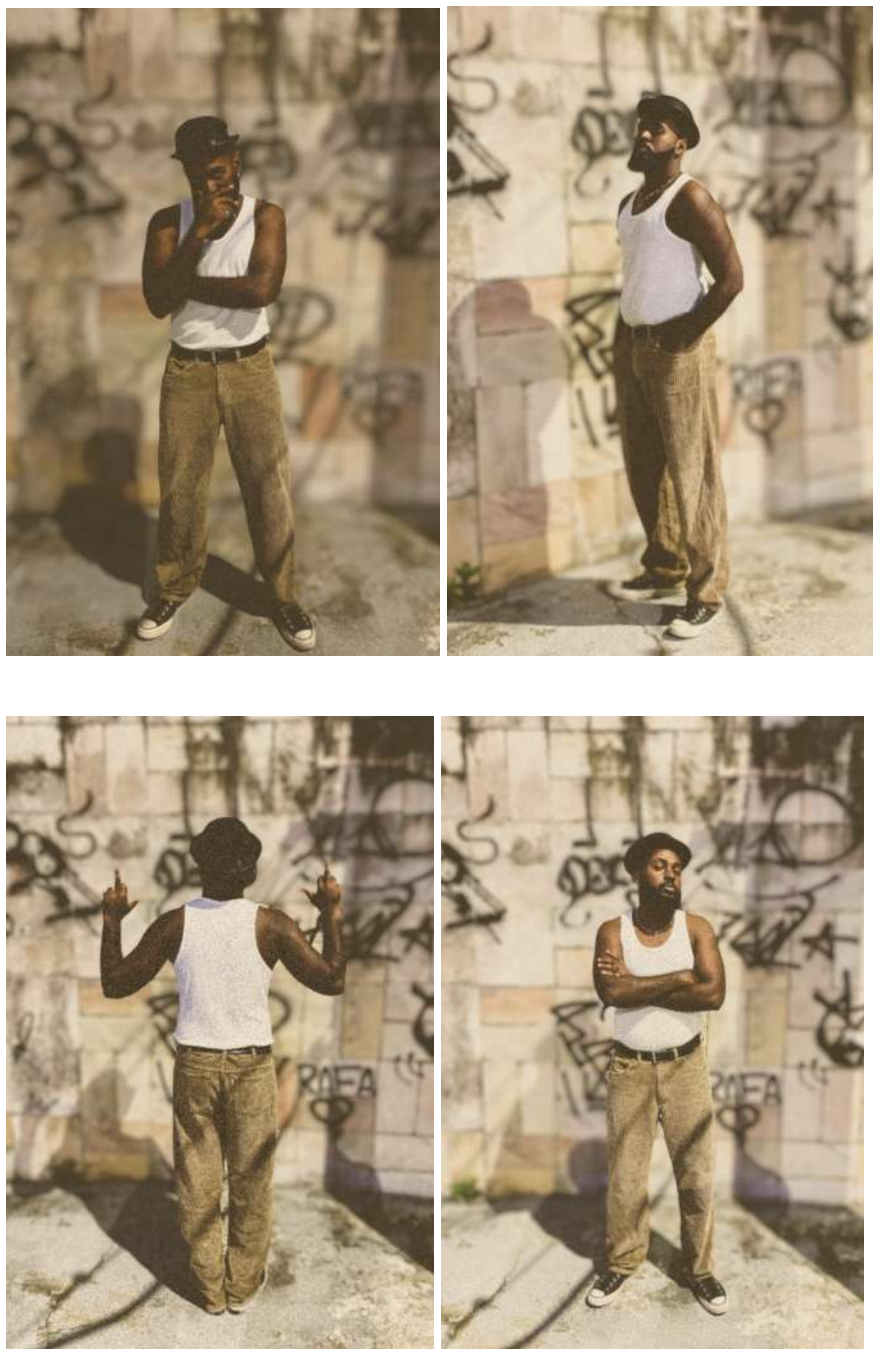
Nesta parte, revelamos as imagens finais do editorial (figura 44 a 56), fruto de uma pesquisa que não só traduziu uma estética, mas também exaltou a essência da resistência urbana. A jornada começou com a missão de garimpar histórias nas peças esquecidas do brechó, transformando cada achado em um elemento-chave da narrativa.

Figura 44: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 45: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 46: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 46: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 47: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 48: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 49: Editorial autoral





Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 50: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 51: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 52: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 52: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 53: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 54: Editorial autoral



Figura 54: Editorial autoral



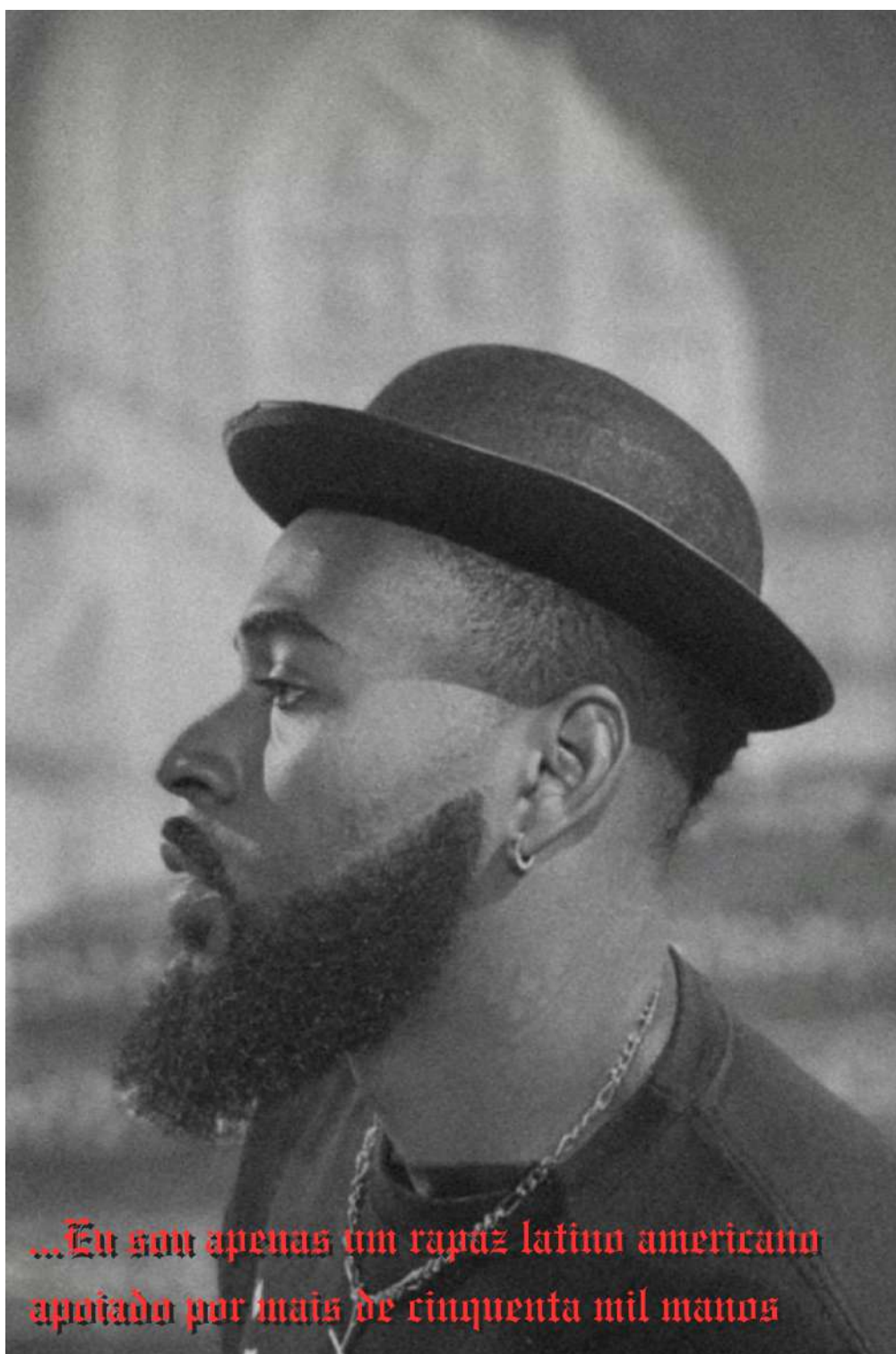
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 55: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 56: Editorial autoral



Fonte: Elaborado pelo autor

Este editorial mostra como a moda pode ser uma forma direta e acessível de expressão. Das peças garimpadas no bazar às criações feitas à mão, o processo trouxe à tona a simplicidade e o poder de reinventar o que já existe.

Cada peça carrega um pouco da jornada de pesquisa e criação, reforçando que o estilo vai além das tendências: é sobre autenticidade e sobre contar histórias reais. Inspirado por referências que conectam a quebrada à moda, este trabalho é uma prova de que o essencial está nos detalhes e na atitude de quem veste.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar a relevância de Mano Brown, não apenas como um dos maiores nomes da música brasileira, mas também como uma figura de grande influência no campo da moda. Ao longo da análise, ficou claro que o impacto de Mano Brown vai muito além do cenário musical, atingindo a forma como ele moldou um estilo único que comunica mensagens sociais e políticas importantes.

Sua construção visual, fortemente associada à cultura hip-hop e à periferia, através do uso de peças como bonés, correntes e roupas esportivas, tornou-se um símbolo de identidade e resistência. Diferentemente de simplesmente seguir tendências, Mano Brown ajudou a criar uma estética original no Brasil, conectada às ruas e à realidade vivida por muitos jovens negros e periféricos. Ele não apenas usou a moda como um reflexo de suas raízes, mas também como uma ferramenta para questionar normas impostas pela sociedade, especialmente no que diz respeito a padrões de beleza e comportamento.

No entanto, durante o desenvolvimento do projeto, algumas dificuldades práticas surgiram. A busca por peças específicas que remetessem à estética de Mano Brown em brechós, por exemplo, revelou-se desafiadora. A escassez de itens essenciais ou a dificuldade em encontrar tamanhos e cores condizentes muitas vezes exigiu criatividade e adaptações na curadoria. Além disso, a realização dos photoshootings enfrentou limitações logísticas, como problemas com o clima, conflitos de horários entre os modelos, e até mesmo a necessidade de readequar de última hora para manter a essência das ideias originais.

Apesar desses desafios, o impacto de Mano Brown no mundo da moda não se limita ao vestuário, mas também ao modo como ele influenciou o pensamento crítico sobre racismo, desigualdade e a invisibilização de vozes das classes marginalizadas. Sua imagem pública desafiou a indústria da moda a incorporar novas referências, abrindo espaço para a valorização de estilos e culturas que tradicionalmente foram excluídos. Atualmente, muitos jovens encontram em Mano

Brown uma fonte de inspiração para afirmar suas identidades através da moda, utilizando o vestuário como um meio de empoderamento.

Dessa maneira, podemos concluir que Mano Brown desempenhou um papel crucial na formação de uma estética que dialoga com questões sociais e culturais da periferia. Sua influência trouxe uma nova visão sobre como a moda pode ser usada como uma ferramenta de transformação social, conectada diretamente à luta por justiça e igualdade. O legado de Mano Brown na moda é duradouro, continuando a inspirar novas gerações e destacando o poder de figuras públicas que usam sua imagem para promover mudanças significativas.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. Design Thinking. São Paulo: GG Brasil, 2012.

AMORIN, Rodrigo. O hype da streetwear no Brasil. Medium, 8 jan. 2020. Disponível em: <https://rsamorin.medium.com/o-hype-da-streetwear-no-brasil-92184ad1ce5b>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ÁVILA, Bia. O streetwear brasileiro. Medium, 13 fev. 2024. Disponível em: https://medium.com/@bia_avila/o-streetwear-brasileiro-b76752e9dc26. Acesso em: 25 jun. 2024.

BARNARD, Malcolm. Moda e Comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BROOKE, Michael. The Concrete Wave: The History of Skateboarding. Toronto: Warwick Publishing, 2008.

CAMPBELL, Mary Schmidt. Harlem Renaissance: Art of Black America. New York: The Studio Museum, 2015.

Como o streetwear tomou conta do mercado de luxo. ELLE Brasil, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/como-o-streetwear-tomou-conta-do-mercado-de-luxo>. Acesso em: 25 jun. 2024.

DANTAS, Marcelo. A estética do efêmero: Cultura de rua e seu impacto na moda urbana. São Paulo: Nova Cultura, 2005.

DAVIS, Angela Y. Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude "Ma" Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday. New York: Pantheon Books, 1992.

EVANS, Caroline. Fashion at the Edge: Spectacle, Modernity and Deathliness. New Haven: Yale University Press, 2003.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Mano Brown, considerado a voz da periferia, completa 54 anos nesta segunda-feira, 22 de abril. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/mano-brown-considerado-a-voz-da-periferia-completa-54-anos-nesta-segunda-feira-22-de-abril-1>. Acesso em: 24 maio 2024.

GESSA, Marília. Racionais: arte e intelectualidade periférica. 2013. Disponível em: <https://intelectuaisdaperiferia.word.com/2015/06/30/r-ar-e-inte-por>. Acesso em: 6 nov. 2024.

GSHOW. Hip-hop: entenda como esse gênero musical influencia a moda. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/hip-hop-entenda-como-esse-genero-musical-influencia-a-moda.ghtml>. Acesso em: 27 maio 2024.

HOPKINS, John. Moda Masculina: Volume 07. 1. ed. São Paulo: Bookman, 2013.

ITAÚ CULTURAL. Mano Brown. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa530982/mano-brown>. Acesso em: 25 maio 2024.

LIFE. The girl on a skateboard, 21 maio 1965. Disponível em: <https://books.google.com/books/about/Life.html?id=5U0EAAAAMBAJ>. Acesso em: 1 nov. 2024.

LUIS. Top 5 marcas streetwear de luxo. Etiqueta Única, 31 maio 2023. Disponível em: <https://blog.etiquetaunica.com.br/top-marcas-streetwear-de-luxo/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

Mano Brown: “Me visto para trabalhar e trabalho para me vestir”. GQ, 2023. Disponível em: <https://gq.globo.com/cultura/noticia/2023/06/mano-brown-me-visto-para-trabalhar-e-trabalho-para-me-vestir.ghml>. Acesso em: 27 maio 2024.

NOT THE SAMO. O efeito Michael Jordan: sua influência no streetwear e na NBA. Disponível em: <https://notthesamo.com/zine/o-efeito-michael-jordan-sua-influ%C3%Aancia-no-streetwear-e-na-nba>. Acesso em: 28 jun. 2024.

Roupa, rua e identidade. ELLE Brasil, 6 dez. 2021. Disponível em: <https://elle.com.br/colunistas/a-historia-do-streetwear>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SEIVEWRIGHT, Simon. Fundamentos de Design de Moda: Moda Masculina. Porto Alegre: Bookman, 2013.

SHABAZZ, Jamel. Back in the Days. New York: powerHouse Books, 2001.

STREETWEAR BRASIL. Afinal, o que é streetwear? 25 jul. 2018. Disponível em: <https://streetwearbr.com/2018/07/afinal-o-que-e-streetwear.html>. Acesso em: 28 jun. 2024.

WERNER, Thomas. The Fashion Image: Planning and Producing Fashion Photographs and Films. Londres: Bloomsbury Visual Arts, 2018.

